



VERÃO DE EXTREMOS / Declaração do secretário-geral António Guterres coincide com o auge da segunda onda de calor em menos de um mês na Europa. Relatório alerta que metade do território do continente corre o risco de seca

ONU: crise do clima é "suicídio coletivo"

A onda de temperaturas extremas e incêndios florestais que assola a Europa são um "suicídio coletivo", classificou o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres. Reunido com ministros do meio ambiente de 40 países, incluindo do Brasil, ele destacou que as políticas de contenção de mudanças climáticas estão na contramão do que o planeta necessita. "Metade da humanidade está na zona de perigo de inundações, secas, tempestades extremas e incêndios. Nenhuma nação está imune. No entanto, continuamos a alimentar nosso vício em combustíveis fósseis." A reunião, na Alemanha, é um preparatório para a conferência do clima, que acontece em novembro, no Egito.

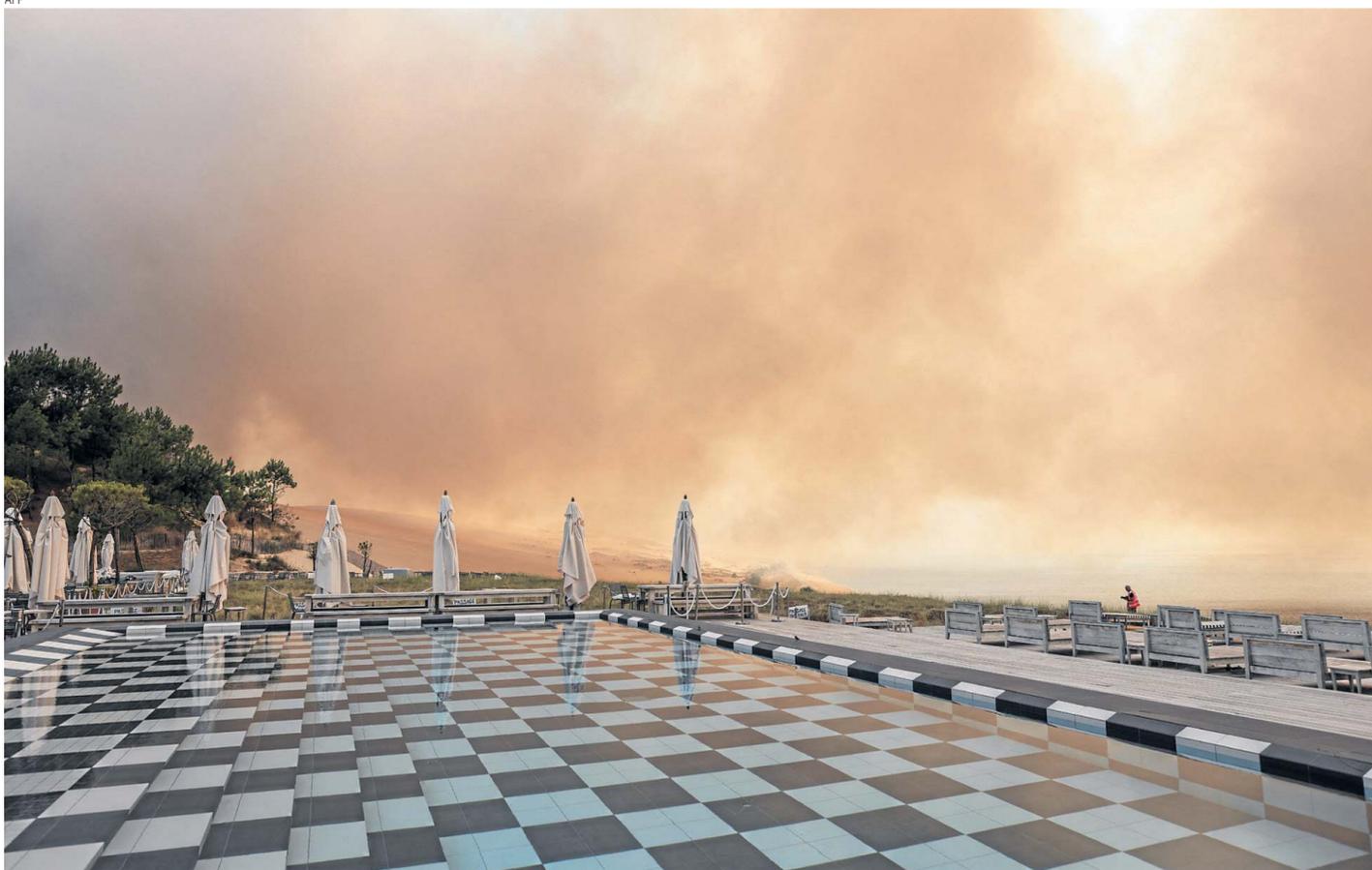
Outro grave alerta foi dado pela Comissão Europeia. Em um dia de temperaturas recordes no continente, especialistas assinaram que quase metade do território da União Europeia (UE), formada por 27 países, está "em risco" de sofrer com a seca após uma ausência prolongada de chuvas. Cerca de 46% da superfície está exposta a níveis de seca considerados de risco, o que significa um déficit importante de umidade do solo, indicou o Centro Comum de Pesquisa (JRC, na sigla em inglês) em seu relatório de julho. Aproximadamente 11% está em nível de alerta, com a vegetação e os cultivos debilitados pela falta de água, acrescentou o documento.

"França, Romênia, Espanha, Portugal e Itália provavelmente terão que enfrentar uma queda da produtividade dos cultivos", principalmente dos cereais, gerada pelo "estresse hídrico e térmico", destacou o Executivo da UE. Por sua vez, Alemanha, Polónia, Hungria, Eslovênia e Croácia também foram afetadas, enquanto a bacia do Pó na Itália "enfrenta o nível mais alto de seca severa" na UE, devido a uma "seca intensa" declarada em cinco regiões italianas, afirmou a Comissão Europeia.

Ontem, França e Reino Unido enfrentaram temperaturas extremas: 42°C em Nantes, e 38,1°C em Suffolk, na Inglaterra. Registrando incêndios florestais, Portugal, Espanha e Itália também sofrem com as altas temperaturas neste início de verão no Hemisfério Norte. A onda de calor é a segunda registrada em menos de um mês na Europa, em plena campanha turística de verão. Para os cientistas, a multiplicação desses fenômenos é consequência direta das mudanças climáticas.

"Espera-se um calor especialmente intenso, não uma típica onda de calor de verão", explicou à agência de notícias France

AFP



Fogo e fumaça nas proximidades do hotel cinco estrelas La Corniche, em Pyla-sur-Mer, na França: milhares de pessoas tiveram que deixar suas casas

AFP



Poça no leito quase seco do Rio Reno, em Colônia, na Alemanha

AFP



Jovem se refresca em fonte da Trafalgar Square, em Londres



A mudança climática mata. Mata pessoas. Mata também nosso ecossistema"

Pedro Sánchez, presidente de governo da Espanha

Presse François Gourand, meteorologista da Météo France. O sudoeste francês poderá viver "um apocalipse de calor", com até 44°C, destacou o cientista.

Saara

Do outro lado do Canal da Mancha, o Reino Unido também se preparava para recordes de calor. O termômetro poderá superar os 40°C, pela primeira vez na história. O atual recorde são os 38,7°C de 25 de julho de 2019. "Mais quente que o Saara", definiu o tabloide *The Sun*. Holanda e Bélgica decretaram "alerta laranja", estimando temperaturas próximas aos 40°C, mas sem expectativa de recordes de calor. As autoridades

britânicas decretaram o nível máximo de alerta 4, devido ao risco que até mesmo pessoas jovens e saudáveis correm.

Na última semana, o calor extremo causou pelo menos mil mortes na Espanha e Portugal. Autoridades espanholas estimam 510 óbitos entre os 10 a 15 deste mês. No domingo, os termômetros registraram 42 °C em regiões do norte do país, como o País Basco e Navarra. Um homem de 50 anos morreu devido ao calor em Torrejón de Ardoz, nos arredores de Madri. Um dia

antes, um funcionário de limpeza de 60 anos morreu na capital pelo mesmo motivo, segundo as autoridades locais.

Em Portugal, segundo os serviços de saúde, ocorreram 523 mortes nos últimos 7 dias. Apenas entre os dias 7 e 13, mostram os levantamentos oficiais, foram registrados 238 óbitos em razão do calor extremo.

Fogo

Os incêndios se multiplicam por vários países, também causando vítimas. Segundo o

presidente de governo da Espanha, Pedro Sánchez, as chamas arrasaram 70 mil hectares desde o início do ano. "Quase o dobro da média da última década", comparou. Os bombeiros estão há dias tentando apagar uma série de incêndios.

Em Portugal, cerca de 800 bombeiros continuavam lutando ontem contra quatro incêndios ativos no centro e no norte, mas a Defesa Civil estimou que a situação era favorável graças a uma queda da temperatura. Em 10 dias, o fogo causou a morte de duas pessoas.

Na França, dois grandes incêndios queimaram há uma semana 14 mil hectares de vegetação no sudoeste do país, próximo a Bordeaux, e forçaram a retirada de mais de 10 mil pessoas da região ontem.

Os cientistas consideram que a multiplicação das ondas de calor é uma consequência direta do aquecimento do planeta. As emissões de gases de efeito estufa seriam responsáveis pelo aumento de sua intensidade, duração e frequência.

"A mudança climática mata. Mata pessoas. Mata também nosso ecossistema", disse o presidente de governo da Espanha, durante uma visita a uma região afetada por incêndios em Extremadura (oeste).

GUERRA NA UCRÂNIA

Zelensky e Bolsonaro conversam

Em postagem numa rede social, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, relatou, ontem, ter falado por telefone com o presidente Jair Bolsonaro. "Informei sobre a situação na fronteira da guerra. Discutimos a importância de retomar as exportações de grãos para evitar uma crise alimentar global provocada pela Rússia. Apelo a todos os

parceiros para que se juntem às sanções contra o agressor", destacou o líder ucraniano.

No domingo, Bolsonaro disse a jornalistas que daria sua opinião sobre a guerra a Zelensky, caso solicitado. "Eu não sei o que ele vai falar comigo, (...), mas eu pretendo falar pra ele o que eu acho, se ele perguntar pra mim alguma coisa, de onde podemos

colaborar, eu vou dar a minha opinião, só vou dar se ele pedir", disse. "O que eu posso adiantar pra vocês, por telefone vai estar (sic.) eu, o ministro e intérprete, mais ninguém", antecipou.

Embora o Brasil tenha endossado moções de repúdio à Rússia pela invasão à Ucrânia, Bolsonaro preferiu adotar posição de "neutralidade" no

conflito. Em entrevistas e lives, costuma destacar a preocupação com a diminuição na oferta de trigo no mercado mundial e conta com a Embrapa para diminuir a dependência do País das importações da commodity.

A poucos dias de a invasão à Rússia completar cinco meses, Moscou intensifica a ofensiva em Toretz, no leste do país. Ontem,

num bombardeio atribuído aos russos, seis pessoas morreram. O ataque coincidiu com uma reunião em Bruxelas, em que os ministros das Relações Exteriores da União Europeia (UE) planejam aumentar a pressão contra a Rússia com novas sanções.

Também foram registrados ataques em Mykolaiv e na região de Odessa, no sul da Ucrânia, e em Nikopol, no centro do país, às margens do Rio Dnieper.

Em Moscou, o porta-voz do Ministério da Defesa da Rússia, Igor Konashenkov, informou que

250 "mercenários estrangeiros" foram mortos em um bombardeio ordenado pelo Kremlin na cidade de Kostyantynivka, em Donetsk, sem dar mais detalhes.

Em meio à guerra, o presidente russo, Vladimir Putin, conversará hoje com seus homólogos iranianos e turcos, em Teerã, sobre a Síria, outro conflito no qual Moscou está envolvido. Será a segunda viagem de Putin ao exterior desde o início da ofensiva na Ucrânia. Rússia e Irã apoiam o governo de Bashar al-Assad, enquanto Ancara apoia os rebeldes.